
Ideias soltas à procura de um lugar para aterrar.

O pensamento ocidental é hegemônico. Esta afirmação ou constatação não é novidade, tampouco recente. Estranhamente este pensamento, ou ideias que o identificam, vai ficando em crise crescente a medida que se expande territorialmente. Os impérios ou Estados que o representam vão desaparecendo e cedendo lugar a outros, porém o império das ideias só amplia seus domínios mas, paradoxalmente, junto disso um mal estar se instala. Como um vírus ele se expande e mesmo que boa parte do mundo nunca tenha criado tanta riqueza econômica e desenvolvimento tecnológico o mal estar civilizatório abre feridas no *corpus cogitans* da sociedade. Por essas feridas outras cosmologias, outras visões de mundo, contaminam e alteram aquilo que parecia imutável, sem alternativa.

Uma exposição coletiva pode abrigar diferentes abordagens a partir de um assunto ou tema; pode também ter abordagens diversas sobre assuntos diversos. Este segundo caso é o que mais interessa e me causa estímulo. Também é o mais desafiador. Porém até o próprio nome do grupo, DIVERSO, mostrava a pertinência dessa linha de atuação curatorial. Pensemos numa imagem: um novelo onde ao invés de uma ponta a partir da qual pudéssemos desenrolá-lo, várias pontas soltas existam. E que essas pontas que puxam linhas, absurdamente, tem cores, espessuras, aspectos diferentes, mas formam um único novelo.

*Ideias fora do lugar*¹. O que podemos compreender dessa frase? – ideia vem do grego *idea* e significa imagem, aparência ou forma visível. Liga-se ao verbo *idein*, ver. Portanto, usar o termo ideia para uma exposição de artes visuais parece ser coerente. Quanto ao restante da frase, fora do lugar, creio que ela carrega consigo o sentido de inadequação. A difícil coexistência de coerência e inadequação pode resultar em trabalhos ou obras de arte que nos façam pensar (o que não é pouco). Isto acontece de variadas maneiras nesta exposição. **Camila Boranga** usa a pintura e o desenho como formas de expressão, mas enquanto suas pinturas podem partir de questões importantes em setores da sociedade, a saber, ecologia e urbanidade, ela retira a espessura do tema e o reduz a imagens quase esquemáticas. Quanto ao desenho, ele é veículo para, através da performance, indicar uma crítica ao mercado de arte e aos parâmetros do (bom) gosto; mas não há um cinismo posado ou ironia domesticada. O que existe é uma honestidade quase ingênua sobre o que artistas ainda são capazes de provocar. As obras de **Delfina Reis** são quase um contraponto ao que foi dito sobre Boranga. Delfina acredita na arte; mas sua experiência a faz ter uma ironia provocadora e doce. Seus desenhos, sejam em papel ou em suportes pouco “nobres” como pratos de cerâmica banais, são divertidos, quase psicodélicos e de uma simplicidade infantil. Conectadas a eles as pequenas esculturas em cerâmica, pintadas ou cruas, também remetem à infância; mas à infância do mundo, arcaica e ancestral.

Impérios usam a linguagem para se impor. A tradução e assimilação da cultura e do conhecimento entre colonizadores e colonizados é via de mão dupla, mas são as palavras (consequentemente as ideias) do colonizador que predominam. A Europa sempre se colocou como herdeira do legado da cultura grega, mas para isso houve traduções para o persa, para o árabe para a chegada ao latim, resultando na Renascença Europeia. O último grande movimento de tradução foi para o inglês². Portanto, não é sem motivo que a arte contemporânea feita no Brasil tem matriz europeia. Entre tradução e assimilação vamos construindo uma linguagem artística que se destaca, com avanços e retrocessos, e tenta estabelecer características reconhecíveis e relevantes. Nesta exposição os trabalhos de **Cristina Myrrha** vão nesse caminho; guardadas as devidas proporções, os pontos de contato com os trabalhos (notadamente nos relevos dos anos 60) do escultor, ligado ao movimento moderno, Sérgio Camargo, causam interesse: o rigor metodológico, uma técnica apurada, uma ordenação de elementos abstratos sobre uma base, os efeitos de luz que conferem uma materialidade perceptível, o diálogo entre espaços cheios e vazios. Contudo, formalmente, os trabalhos de Myrrha são muito diferentes dos de Camargo. A rigidez concretista ancorada na geometria cede lugar aos elementos orgânicos, que vibram sob a luz; as formas resultantes de linhas que se elevam da superfície plana acham sua ordenação em meio ao caos. A linguagem estética incorpora camadas de história para que sua autonomia ainda se mostre relevante. É também na linguagem que os trabalhos de **Clarissa Zelada** se estabelecem, mas neste caso a comunicação é mais direta, mais definida enquanto mensagem.

1 Schwarz, Roberto, in *As ideias fora do lugar*, Cap I de *Ao Vencedor as batatas*. – Ed. Duas Cidades/ Ed. 34

2 Buck-Morss, Susan, in *O presente do passado*, pg. 23/24 – editora Cultura e Barbárie, 2018

Para que isso aconteça sem que a literalidade ou a obviedade drenem a força do que é dito, Zelada usa um suporte inusitado (se compararmos à escultura, pintura ou desenho) em um formato por demais conhecido: o tecido jeans junto do formato livro. Seja como *códex*, o livro como conhecemos hoje, com suas páginas uma após a outra, seja no formato *volumen* onde o livro se desenrola num ir e vir infinito, a artista dá vazão a sua prosa poética de maneira tridimensional (o denominado “livro de artista”) ou mesmo quando usa a bidimensionalidade, como uma página contra a parede; ou quando a ideia de página na parede ganha movimento e onde a linha que borda e alinhava ideias agora dança com alegria num desenho animado. É como se os irmãos Campos encontrassem Guto Lacaz.

Linhas. Poucos dispositivos³ são tão maleáveis e repletos de possibilidades. Elas assumem o peso da história da arte enquanto definidoras do desenho clássico de matriz grega chegando até os desdobramentos da arte contemporânea. **Danilo Villin** age nesse amplo campo da representação, tensionando desenho e pintura. Seu representar assume um caráter de apresentação ao trazer corpos de maneira clássica e arcaica, mas os atualiza incorporando aquele mal estar civilizatório; ou quando traça num painel de azulejos a personificação metafórica desse mal estar. Linhas. Aquilo que elas demarcam se torna um dos dispositivos mais poderosos já criados: as fronteiras. Para expandir territórios é preciso tensionar as fronteiras e a consequência maior é a guerra e a expulsão dos viventes. Neste momento as matrizes europeias do pensamento são questionadas fortemente, mesmo aquelas que tínhamos como pilares éticos, como o conceito humanista e sua fraternidade ou a igualdade tornam-se frágeis. **Laura Martinez** nos traz a questão dos deslocamentos. Deixar a terra onde se nasce não por vontade própria, mas por motivações externas, voltou a ser algo comum nos últimos anos. As guerras se espalharam, mas também se diversificaram: territoriais, econômicas, étnicas. Creio que a artista utilizou-se da argila e do cobre de maneira sábia, são dois elementos que saem da Terra, e a isso juntou seu próprio corpo nas imagens; pois é no corpo que os dispositivos de fronteira agem. O dinheiro, por exemplo, não conhece nem respeita fronteiras, assim como as imagens. As imagens podem ir conosco tanto quanto as memórias ou os sonhos. O impasse civilizatório gera as contaminações por outras cosmologias onde sonho ou memória tem seu lugar. Sonhar novamente, imaginar saídas estão associadas, nestes tempos difíceis, a utopias. Que seja. Mas é bom ter claro que a Utopia foi gestada justamente na civilização ocidental. Pensadores como Ailton Krenak, Davi Kopenawa ou Nego Bispo não falam de utopias, mas de lugares que existem e estão sendo destruídos e parece que as imagens e as palavras dessa destruição transmitida em tempo real não nos afetam mais. Talvez a arte possa nos ajudar a sair do torpor.

Imagens. Som. E tempo. Um arado é um equipamento tecnológico tanto quanto uma máquina a vapor ou um computador. Entre o primeiro e a segunda temos por volta de cinco mil anos; entre a segunda e o terceiro não mais que três séculos. O tempo, acelerando-se continua e desgovernadamente, alterou sua duração brutalmente enquanto experiência, mesmo que tenha permanecido o mesmo desde que foi racionalmente dividido em segundos, minutos e horas. Como acessar esta experiência na contemporaneidade, de par com aspectos da arte? – **Vitor Bossa** reproduz este questionamento em duas instalações que utilizam som, imagem e impressão. Em “quarteto de osciladores senoidais pré-programados”, uma escultura sonora generativa, equipamentos e materiais diversos se conectam a um programa generativo para produzir sons e imagens. No “concerto curto para os últimos 74s de Topsy” (um audio visual expandido), o artista recupera um filme do início do século passado de uma sessão de execução e sua contextualização através de frases. Topsy, uma elefanta, é o corpo em desacordo e do qual tanto homens e seus equipamentos tecnológicos podem dispor da maneira que quiserem.

A mesma sociedade que criou a arte da renascença também sistematizou a escravização. Que exista um mal estar que não sabemos direito nomear e sanar, provocando doenças do corpo e da mente e até a privação da vida nos levou a esquecer alternativas possíveis. É como se, esgotados, aceitássemos nosso esmagamento.⁴ É necessário buscar lampejos. Não rejeitando toda a cultura ocidental da qual somos formados, mas fazendo com que ela conviva e seja coerente com visões e cosmologias outras. Talvez a arte possa ser este lampejo.

Marcelo Salles

São Paulo, maio de 2025

3 O conceito de dispositivo como elaborado pelo filósofo Giorgio Agamben a partir de Michel Foucault, se refere a tudo que, excetuando os viventes, existe; e serve para controlá-los e capturá-los.

4 Fisher, Mark. Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo? – Ed. Autonomia Literária, São Paulo, 2020